

MUNDI-O: CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CASO DE PSICOSE

Manoel Madeira

Manoel Madeira
Professor-Ater
Université
Paris Diderot
Sorbonne Paris
Cit , UFR  tudes
Psychanalytiques.
Psicólogo (UFRGS),
mestre em
Antropologia pela
EHESS-Paris, mestre
e doutorando em
Psicanálise pela
Universit  Paris
VII. Trabalha
como psicólogo
clínico no Centre
Médico-Psych-
P dagogique de
Montgeron, França.

RESUMO: Este artigo apresenta o caso de Raimundo, ressaltando sua grande produ o escrita e constru o delirante, segundo a qual retraa a evolu o urológica do reino animal. Esta partiria das esponjas, seres assexuados, e alcanaria ele mesmo, Raimundo, elemento único de uma espécie superior, que seria detentor de ambos os genitais, masculino e feminino. O trabalho destaca um conjunto de discussões que o relato do caso suscita. Entre elas salienta-se o interesse na questão da denega o, do corpo e da sexua o no tratamento das psicoses.

Palavras-chave: Psicose, corpo, denega o, escrita e sexua o.

ABSTRACT: Mundi-o: Considerations on a case of psychosis. This article presents Raimundo's case, highlighting his wide written production and his delusional construction involving the urologic evolution of the animal kingdom. That would start from the sponges, asexual beings, to reach Raimundo himself as the single element of a superior species that holds both genitals, male and female. The text also highlights a set of discussions that are raised as a consequence of the report. Among these discussions, the interest on the subjects of denial, of the body and sexuation in the treatment of psychosis are emphasized.

Keywords: Psychosis, body, negation, writing and sexuation.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982015000200006>

INTERNAÇÃO

Raimundo de Andrade Severino¹ acordara ultrajado. Não obstante a manhã fria do inverno pampeano, o andarilho livrou-se das já parcas vestimentas e pôs-se a alvejar com pedras os veículos que por aquela estrada passavam. Foi pouco mais tarde detido pela polícia e internado em um hospital psiquiátrico de Porto Alegre. Os primeiros registros relatam a péssima higiene do paciente, sua hirsutez e magreza. Os profissionais ignoram seu nome, idade e origem. Dois psiquiatras o entrevistam e ressaltam sua “desorientação generalizada”, “ideias persecutórias, mas sem delírios”, e propõem um diagnóstico de *Esquizofrenia residual* (CID, 1993, p.92). Violento, o paciente é medicado, e fica dois dias algemado na *Sala de Observação da Unidade C*.

Quando o encontrei, já se afirmava possuidor de nome, sobrenome, 46 anos e origem nordestina. Declarava ser oriundo da cidade de Domínio Superior, haver atravessado duas vezes o Brasil a pé, estar vindo do Espírito Santo, ter conhecido o Uruguai, ter uma tia protetora que se chamava Raimunda — dentre outras assertivas supostamente delirantes. Informou, entretanto, o número de Raimunda à assistente social da Unidade, e esta teve a dita em seguida ao telefone. Após tratativas, acordou-se que José, irmão de Raimundo, viria de Domínio Superior buscá-lo, sendo a alta do paciente condicionada à chegada deste. Conversei algumas vezes com Mundola, como aprazia à tia ser chamada, e ela me confiou um pouco da história do sobrinho. Era, aparentemente, a mais indicada para fazê-lo, pois mesmo a filha mais coerente e acessível da família sustentava: “minha mãe teve mais ou menos 13, 16 filhos”.

CONVERSAS COM MUNDOLA

Raimundo cresceu em Santo Antônio dos Severino — povoado que dista uma centena de quilômetros de Domínio Superior —, onde a maioria da diminuta população, segundo Mundola, carrega o sobrenome Severino. Varou a infância a estudar e trabalhar com o pai na roça. É o segundo de uma família de quatorze filhos, sendo que o primeiro morreu com 2 anos de idade. Desde menino era ladino, aprendia fácil, nutrindo a admiração dos mais velhos com seu desembaraço escolar: “era menino bom, normal, doutor”, repetia Mundola. No entanto,

¹ Por razões que esperamos se justificarem ao longo do artigo, os nomes verdadeiros do paciente e de sua tia — Raimundo e Raimunda — foram mantidos. Para garantir seu anonimato alteramos, entre outros, seu sobrenome, cidade e estado de origem, bem como todas as localidades referidas — exceto “Espírito Santo” e “Juiz de Fora” —, seu número de inscrição no exército, características físicas, idade e todos os outros nomes citados. Algumas cidades, de fato, abrigavam significativos nomes, cujo sentido tentamos conservar — como “Domínio Superior”.

estranhava ela que durante toda a meninice Raimundo agradava-se muito de Pedro Filomena, sujeito esquisito, que fora internado em hospital psiquiátrico por ocasiões diversas.

Raimundo completa o segundo grau — fato inaudito na família — e, aos 18 anos, apresenta-se ao exército. Faz carreira militar e, tempos mais tarde, é transferido ao centro do país, onde comete um crime: abate mortalmente um ambulante que o ludibriara ao vender-lhe relógios de pulso. Contudo, possivelmente sob proteção militar, Raimundo é absolvido de seu delito, justificado como legítima defesa. A família só o via durante as férias, e numa dessas idas e vindas, ele conheceu Iara, com quem noivou. Mantiveram aliança embora encontrando-se à mingua durante 15 anos — e Mundola diz desconhecer os motivos que levaram Iara a anunciar o rompimento. Lembra, todavia, que seguido ao noivado desfeito, Raimundo deu os primeiros sinais de desatino, permanecendo prostrado durante dias e repetindo “eu não valho nada”.

Foi somente sob admoestações paternas que Raimundo retomou suas atividades militares no centro do país. Meses após, recebe um telegrama de seu pai comunicando a morte de Iara, atropelada em Domínio Superior. Mundola sustenta que acidente não foi, visto que era o motorista antigo pretendente da moça, e que esta lhe recusava reciprocidade. Ela conta que o suposto homicídio pôs a cidade em alvoroço, exigindo a condenação do acusado. A família em polvorosa foi esperar Raimundo na rodoviária de Superior, e diz-se que, ao descer do ônibus, a desrazão já se lhe escrevia no corpo. Ignorou os seus, despiu-se vociferando impropérios, ganhou as ruas, invadiu a casa da falecida, cobriu-se com suas roupas e se disse, ele mesmo, Iara.

Perambulou assim durante dias, tornou-se mendigo, passava noites em claro a caminhar entre Superior e Santo Antônio dos Severino, comia jornais, defecava onde fosse, arrombava as portas das casas. Acordava dizendo que homens lhe haviam submetido a “esculhambações”. E disso acusava seu pai, seus irmãos, vizinhos, amigos, quem perto estivesse: esses homens estavam por toda parte. Raimundo é sucessivamente internado, mas não reencontra prumo. Quando o ofensor de Iara é julgado e absolvido, ele o persegue e tenta em vão lhe datar a morte a tiros. Raimundo é novamente preso, mas julgado inimputável pouco depois é transferido a um hospital psiquiátrico. Liberto, ganha as estradas nacionais, perde-se dos olhos enterrâneos. Antes de ser encontrado no Rio Grande do Sul, sua família o acreditava morto. Sendo esta paupérrima, teve José, seu irmão, que peregrinar pelo país para arrecadar os fundos da viagem de resgate. Ele chegou a Porto Alegre somente seis semanas após a internação de Raimundo.

PRIMEIRAS ESCUTAS, PRIMEIROS ESCRITOS

Naquela época, eu realizava estágio de graduação em Psicologia no Hospital e decidira tomar Raimundo como estudo de caso. Ignorando o itinerário de José e temendo sua iminente chegada, acreditava que cada dia de tratamento poderia ser o último. Assim, tomado de pressa, escutei-o imprudentemente quase todos os dias, contando sábados e domingos, durante horas a fio. Seu discurso era confuso, despedaçado, não-historiado. Raimundo evocava os crimes mencionados por Mundola, porém o fazia por um emaranhado caótico de frases desconexas, no qual, além de misturar os delitos, confundia-se entre agressores e vítimas. Deste modo, por vezes falava como se fosse o vendedor de relógios que assassinara: pintava relógios nos antebraços e afirmava ter 33 anos quando morrera. Sobre a morte de Iara, tragédia que lhe aflorara de vez a loucura para nunca mais desgarrar seu corpo, dos olhos dos outros, dizia: “eu atropelei a mim mesmo”, como se fosse ao mesmo tempo o motorista e a pedestre.

Amiúde, transtornado pela conversa, enrijecia-se e contraía brutalmente o maxilar destroçando os dentes, cujos cacos cuspiam logo que tentava acalmá-lo. De manhã cedo, acordava sobressaltado, dizendo-se vítima da “pior esculhambação”, ameaçando de morte quem se aproximasse, buscando terra para espalhar sobre o corpo. Em consulta, Raimundo nomeia “esculhambação” supostos ataques de seus colegas de quarto que, durante a noite, introduziram o pênis em sua boca enquanto dormia. Na mesma sessão, pede-me caderno e caneta a fim de redigir seu “certificado da reserva” — “é pra mostrar que não sou louco”, justifica. Eis o que apresentou:

Reservista 1ª Categoria — Ministério Exército Brasileiro — 10ª Região Militar — 2º BEC — Contingente 1974 — Comandante do Segundo Batalhão — Engenharia Construção Tenente-Coronel Lauro Gonçalves de Carvalho, Eub pessoa física viva vive sadia perfeita enforma, Raimundo de Andrade Severino, relacionado posto soldado, QM Sapador, nome de guerra Severino, número de guerra 866, dados físico: pé 44 cm. Altura 1m 85cm. Cor parda. Peso 85 kilogramas. Olhos castanhos escuros, cabelos castanhos ondulados, Fator RH tipo sanguíneo B Positivo, Sinais particulares não os tem, alfabetizado: curso concluído bombeiro hidráulico, Seção Serviços Gerais, Comportamento Bom, Apresentação Superior: 10G.190.959.B.Positivo

A partir desse texto, pôs-se a escrever “documentos” para explicar a “ordem do mundo”, abaixo dos quais ele solicitava minha assinatura — eu concordava. Assim formulou a “Escada Hierárquica Militar do Brasil”, em cujos degraus ministros, generais, capitães, soldados, tenentes, sargentos se equilibravam com o “posto maternave”, que ostentava como símbolo a genitália feminina — a qual denominava “vaso grande fezes”. Raimundo precisava com desenhos todas essas

insígnias — as medalhas distintivas que os militares portam sobre os uniformes —, atribuindo o valor correspondente ao salário de cada posto. Compôs outrossim o “Templo Tempo Complexo Mundial Concepcional”, onde indica o tempo que cabe no tempo: 60 segundos em um minuto, 60 minutos em uma hora, 24 horas em um dia, (“1 dia segunda-feira, 1 dia terça-feira [...], 1 dia sabaioneta”), sete dias tem uma semana — e assim exaustivamente.

Raimundo escreveu ainda o “Complexo Escolar Mundial Concepcional”, listando universidades federais brasileiras. Arrolou reis, imperadores, princesas e príncipes portugueses, sendo “Dom Manoel” o primeiro deles. Determinou referências geográficas, afirmando-se conhecedor de “todo o saber geográfico mundial” por haver engolido um atlas inteiro antes de sua caminhada. Expôs “as vinte e duas leis oficiais do Brasil”, conjugando os dez mandamentos bíblicos — como “Não desejar a mulher do próximo sim” — as diretrizes próprias, como a “Lei extra sinal desconhecido não-ave”. Ao final dessa listagem, ele escreve: “vinte e duas leis, vinte e dois orifícios: vaginas, vasos, anus, cus”. Sendo o corpo recorrente nessas formulações, escreverá com frequência “Divisão éco som voz órgão língua cabeça tronco membros português de portugal”, precisando que o “número geral” dessa “divisão” é 10 919 — o mesmo de sua inscrição militar.

HISTÓRIAS

Era intrincado alinhar sentido a tais construções, porém notei que doravante Raimundo começou a historiar o que dizia. Assim, tecia certa cronologia — diferenças, causas, consequências — das memórias que antes lhe assaltavam atabalhoadamente, dando corpo ao que Mundola relatara. Desses tecidos discursivos, surgiu repentina Iara, “loira”, “branca”, a moça de exuberante sorriso foi-lhe apresentada por uma tia: “Andrade”, nomeou-se Raimundo pela primeira e solitária vez. “O amor nasce no sorriso e termina no nada”, disse Iara — frase que Raimundo muito repetia. Após matar e não ser condenado, ele havia se tornado “crente”, e se disse à noiva respeitoso dos mandamentos divinos, insistindo que era imperativo “não entrar em orifício virgem”. Assim, os 15 anos de noivado mantiveram-se na ausência de relações sexuais, e a distância era amenizada pela troca quase diária de cartas de amor. Aliás, Raimundo raramente com mulher embaralhara fantasias, salvo com poucas meretrizes das casas frequentadas por seus colegas de exército em início de carreira — “as mulheres transmitiram todo tipo de doença ao meu pênis”, afirmava. Porém, um dia fatigou-se a pretendida, exigindo descumprir-se o mandamento, fracassando o amante frente ao acontecer que tanto evitava: “Iara me chamou de impotente, broxa, homossexual, veado — a pior esculhambação!”. Em implacável desalinho, ansiou aconchegar-se nas

palavras maternas: “Tire a roupa, mostre o pau a essa égua e prove que você não é veado não!”, aconselhou-lhe.

Raimundo conta em seguida que atirou as roupas e os documentos de identidade em um poço ao chegar em Superior ciente da morte de Iara. Fala de quando alcançou a casa da amada, ganhou seu quarto, abriu seu armário, tomou suas calcinhas, cheirou-as com sofreguidão: “foi ali que senti o cheiro do bode”. Era um embriagado odor que lhe invadia, tornando incontestes o fato de que com outro homem Iara havia confundido as pernas — o que nunca pôde com ele fazer, apesar e por causa do amor que acalentavam. Aquele infernal “cheiro do bode” nunca mais suas narinas abandonara, perseguindo-o toda madrugada, assaltando seu sono. Era por esse odor que, ao despertar, Raimundo reconhecia as “esculhambações” às quais era submetido. É recobrando a morte de Iara, o que desencadeara seu desvario, que Raimundo começará a contar de Severino, de Superior, do exército, do pai, da mãe, bem como de deus e do diabo, de mulheres e homens, de aves e mamíferos, e de outros “embolados” assuntos, como dizia.

TRANSFERÊNCIA

Raimundo formula seu “Sistema família paterno e materno” escrevendo no topo “Licença companheiro Manoel Madeira”, indicando a existência de apenas dois bisavôs. O primeiro “bisavô” é “Manoel Severino”, pai do pai de seu pai; o segundo, “Manoel Andrade”, pai do pai de sua mãe. Para Raimundo meu sobrenome, “Madeira”, era prova irrefutável da minha considerável potência genital. Perguntava, sobremaneira, por meu pai, “o ministro”, hesitando sobre o fato de ele ser ou não “governador do Rio Grande do Sul”. Atribuindo-me essa distinta linhagem, Raimundo me chamava de “o chefe”, e era por esta alcunha que ele questionava a equipe técnica sobre o paradeiro do famigerado estagiário, para desgosto do psiquiatra responsável, o qual tinha suas razões para tanto.

Isso porque Raimundo findou por situar-me em um lugar no qual se tornou possível que ele me propusesse juntar os trapos — casar com ele. Flagrado meu espanto, seguido ao qual disse apenas “Acho que tu estás ainda um pouco confuso...”, Raimundo foi categórico: “Eu não sou um homem não, eu matei meu pai! Você ainda não se deu conta que não sou homem? Eu posso trocar meu pau por uma boceta e casar com você. Eu me tornaria branco como Iara e o sorriso dela ia desaparecer.” O fim de semana se avizinhava, e decido assim repousar por dois dias aquela prosa.

Na semana seguinte, após alguns minutos de amenas conversas, Raimundo empaca num repente, interpela-me: “Escuta, rapaz, preciso saber de uma coisa: é expressão da verdade que você nunca entrou em orifício virgem?”. Escondia-se meu latim — travara-me. Fugir à resposta não me parecia poder arrefecer

o desamparo ao qual a questão lhe expunha. O compartilhamento de uma lei, parecia tecer relação direta com precedente pedido de casamento.

A expressão militar de seu corpo, ao mesmo tempo rijo e mendigo de uma palavra, indicava o cunho de moralidade masculina que a questão portava. Respondi, que “sim” — era aquela a expressão da verdade —, temendo que tal declaração de pureza fizesse com que Raimundo retomasse a sua proposição de união. Porém, ele pôs fim à minha cisma ao final da conversa: “esquece aquela história de casamento, é proceder de abestado, num sabe?”.

O MITO DA LAGOA

No início de sua internação Raimundo fazia listas, fincando marcas e conheceres. Depois contava histórias sobre sua vida. Agora, as mesmas eram envoltas em discursos por demais herméticos — o pior bochincho! Mas, a cada vez que o interrompia, ele retorquia: “paciência, homem, paciência, que o troço é embolado!”. Raimundo passa a desenhar, e certa feita escreve o “mito da lagoa”. A lagoa era fonte de “aiga” divina, a qual, após um “milagre de Jesus” que construiu uma cerca ondulada, tornou-se acessível aos “anjos do bem” e barrada aos “malditos”. “Aiga” seria uma água verde e sagrada que guarda o elemento gerador da espécie humana, permitindo às fêmeas engravidar.

Quando escreveu o “mito da lagoa”, Raimundo dissertava notadamente sobre composições binárias — bons e maus, fêmeas e machos, fora e dentro, deus e o diabo. Diabo, aliás, que outrora lhe chamava de “homossexual”, e que sossegara havia pouco. Porém, sua barafunda discursiva ainda era evidente, consumindo amiúde mais de uma hora para responder a uma questão banal. Mas se em meio às suas tergiversões supunha em mim inquietações quaisquer, dizia por vezes “eu não esqueci a sua pergunta”. E, efetivamente, para minha surpresa, ao final daquela embolção a retomava e respondia. Ao que, um dia, rio desse proceder. Ele acompanha e diz: “O que eu digo às vezes não faz sentido, eu sei. Você sabe: eu minto também”.

DOCUMENTO I: FIM DA ESCULHAMBAÇÃO

Chego ao hospital e Raimundo me apresenta um “documento”, solicitando minha assinatura:

Ocorrência

Divisão éco som voz órgão língua português N° paterno 5.510 materno 5.409
geralmente 10.919

Eub materno 5.409 inspetora de segurança das seguranças levo ao conhecimento paterno 5.510 invasões aos tributários tribunais justiça suprema bebê proveta estuprados clínica diagnóstico apresentando maus cheiros virilhos paternos 5.510 evadidos de corpus christi meus senhores ortos leis abuzivas confiadas devendo ser restabelecida a ordem republicana currigionar reincidências da mesma natureza D.P.57 10.919

Delegacia da mulher princêsa moça menina

Mahjor PM  Etellvina

Mahjor Exército  João

Delegahda Raimundia 

Juiz de Fora

Ass: Manoel Madeira

As conversas com Raimundo sobre o texto permitem dizer que a ocorrência denuncia o “estupro do bebê de proveta” — concebido assim sem relação sexual — que é constantemente desvendado pelos “maus cheiros viris”, o “cheiro do bode”, que exalam do “corpo de Cristo”, ou seja, o corpo de Raimundo. Este “documento” contra a “esculhambação” exige, desta forma, que a “ordem republicana” seja restabelecida, cessando a baderna. Cria-se um lugar legislador, a “delegacia da mulher” e alguns derivados — “princêsa, moça, menina” —, sendo justamente a boca, parte do corpo de Iara à qual Raimundo confere particular importância, que é atacada logo das “esculhambações”. O número dessa “D.P.” é 57 — ano de seu nascimento —, seguido de 10.919, seu número de inscrição no exército. Ademais, esse número que o identifica é dividido, indicando as harmônicas proporções de suas partes “maternas” e “paternas”. Tal separação-união é também revelada pelas autoridades responsáveis por essa “ocorrência”: uma mulher e um homem, homônimo a seu pai, ambos condecorados por três medalhas, se perfilam à “delegahda Raimundia” que ostenta seis — embora a natureza do conjunto um pouco varie. O “documento” assinado na cidade de “Juiz de Fora” marca o fim das queixas de Raimundo sobre as “esculhambações” noturnas. Foi, ademais, a última vez que pediu para que eu assinasse um escrito seu.

DOCUMENTO II: CONSTRUÇÃO DELIRANTE

Raimundo não me pedirá doravante “paciência” porque “o troço é embolado”, mas para “terminar o documento”, sendo deste modo patente a relação entre o que escrevia e falava. Eu resolvera calar-me durante quase todo o tempo dos últimos encontros. A custo, entendi que seu discurso era bagunçado pois suas

ideias estavam em formação e, ao interrogá-lo no momento mesmo de suas construções, eu obrigava Raimundo a me dar respostas que não tinha. Assim, permiti-me desentender o que ele contava, deixando que falasse livremente, podendo rasurar e modificar suas teorias e assim alcançar alguma conclusão mais clara e concisa. Deste modo, engendra seu segundo “documento” escrito.

Ocorrência

Eub^a materna N° 5.409 levo ao conhecimento Eub° paterno 5.510 todas as pessoas físicas vivas visíveis sim sadias não sadias sim perfeitas não perfeitas sim enforma não enforma instruturadas geradas nascidas elas eles lembrete pela frente sinal materno umbigo “princípios primários” lembrando mãe natureza justiça pura nua e crua “o que está feito não está por fazer” Promotoria

Reincidências? Justiça acatando reincidências da mesma natureza?

Parágrafo único

Unidahde pessoa física viva vizíve sim somente sahdia sim somente enforma sim somente perfeita Raimundo único

Em todos planejamentos, em todos projetos em todas as divizões reinos animais, não mamíferos sim mamíferos. Mundi-potência secretada dentre as leis sutácto mundi-Agradecendo Eub^ab° N° 10.919

Ministro e ministérios justiça e educação

Raimundi - 

Havia algum tempo que se envolvia Raimundo com a questão da evolução urológica do reino animal — e foi com o “documento” acima que ele propôs um “parágrafo único” ao assunto. Os primeiros elementos dessa evolução foram as esponjas, animais assexuados, que não dispunham de genitais. A seguir vieram platelmintos, nematelmintos, moluscos, seres ainda incipientes, cujas anatomias meramente rascunhavam genitálias. Para Raimundo, peixes e anfíbios eram também de natureza híbrida, irresoluta, embora certamente potência sexual contivessem. Os répteis, sim, foram os primeiros cabras mais decididos — machos, portadores do “pênis”. As aves, às avessas: fêmeas, portadoras do “vaso grande fezes”. Os mamíferos, seres superiores e sinuosos, espalharam machos e fêmeas, “vasos” e “pênis”, por toda a parte e de harmônica forma. Segundo o que Raimundo denominava “Complexo Concepcional Mundial”, sobrepuja os mamíferos uma espécie suprema de elemento solitário, portadora tanto do “pênis” quanto do “vaso grande fezes”, uma “unidahde pessoa física viva vizíve sim somente sahdia sim somente enforma sim somente perfeita Raimundo” — “único”. Ao final do “documento”, Raimundo pela primeira vez delineia sua

assinatura, na qual um traço e o desenho do “vaso grande fezes” colado a um “pênis” substituem a letra o.

Porém, preferirá a forma “Mundi-o” para denominar-se, e sobre cada nova indumentária uniforme que o hospital oferecia, essa alcunha gravava. “Mundi-ô!”, insistia ao ler o nome ao peito, definição que fazia eco à sua agora declarada potência de se relacionar com as mulheres “e nunca com homem, não!” — apesar de haver introduzido Iara em seu corpo, e poder, imitando-a, seduzir os homens com seu sorriso, sua voz. Ele se declara então portador universal do “princípio aiga”, que lhe confere o poder de unir homens e mulheres em matrimônio. Todos provêm de mãe e pai, mas só uma metade é guardada. Para “valer” alguma coisa, todos devemos encontrar a outra parte, o sexo oposto. Abarcando as duas metades em um só corpo, Raimundo atinge o “valor maximal”, sendo, ademais o “secretador da Mundi-potência” — “o princípio Aiga” —, unindo pais e mães pelo mundo afora.

José chegou a Porto Alegre na manhã de uma sexta-feira. Chovia a cântaros. Entrou na Unidade, enrolou-se com o irmão às lágrimas, perguntou: “como você veio parar aqui?”. “Mó de abestado”, respondeu Raimundo. Preenchemos as últimas informações em seu prontuário — tendo o psiquiatra proposto o diagnóstico de *Esquizofrenia paranoide* (CID, 1993, p.88-89). Deixou-me seus escritos, o número de Mundola, algumas incertezas. Mundola me conta que, chegado a Santo Antônio dos Severino, manteve-se o sobrinho um ano sem desatinos. Pois que começou a trabalhar de vigia na venda de um sujeito que lhe dava “pílulas mágicas” todo alvorecer, e o arroubou a desrazão tempos após. Mais tarde, partiu a errar de novo: “Severino é uma muriçoca”, sempre reclamou.

ESTRADAS POSSÍVEIS

“Eu atrolei a mim mesmo” — a morte de Iara finda de lacerar as rédeas com as quais Raimundo domava suas angústias. A crise psicótica é tardia — o paciente contava cerca de 45 primaveras logo do acontecido. Atravessa a adolescência aparentemente sem demasiados percalços, quiçá apoiado em Pedro Filomena e no valor que lhe acordava seu sucesso escolar — vagas hipóteses. Integrando-se ao exército, Raimundo devia dispor de vastos signos de masculinidade: medalhas, vestimentas, costumes, formas de se expressar. Porém, ao distrair vergonhas com meretrizes, crê que seus genitais foram acometidos por todo o tipo de chaga: o ato sexual torna-se ameaça ao vigor de seu corpo.

O primeiro crime cometido, o assassinato do vendedor de relógios, invoca a lei que se emudece e obriga Raimundo a reconstituí-la pela via dos mandamentos divinos e do comércio amoroso, o que ele faz recobrando a interdição ao pé da letra, sustentando, assim, uma barreira aos perigosos encontros sexuais. Tal

leitura da lei lhe permite ao mesmo tempo se submeter a ela e inventar-se um lugar na sexuação que protege sua masculinidade e o mantém afastado daquilo que lhe pode evocar o ato incestuoso (Cf. LACAN, 1959-1960/1986). A aliança com Iara corporifica, entrelaça essa construção: exército, religião e noivado fiam a verdade sobre o sexo.

“A pior esculhambação” começa a emergir quando Iara pede em carnes as trocas da relação amorosa. “*L’heure de la vérité*”, segundo Jacques Lacan (1971/2001, p.35), embora o significante da sexuação sempre fracasse, não cessando de não se escrever: “entramos no ato sexual para parecermos tal ou tal, macho ou fêmea” (LACAN, 1967, inédito). O desatar de laços com Iara vem acompanhado de ofensas à sua virilidade — que são endossadas por sua mãe, já que para ela seriam exatamente os genitais os mais indicados a oferecer as provas de sua masculinidade. Deste modo, a verdade sobre o sexo se desestabiliza ao apagar dos sorrisos de Iara, e desmorona quando a moça se apaga de todo: verdade que se evapora, paira com o odor das íntimas e impuras roupas da mulher amada, como se no mundo não houvesse mais ninguém capaz de sustentá-la. Os documentos identificatórios de Raimundo sumiram no fundo de um poço, perderam-se as bordas de seu corpo — ele pode ser violentado por homens que dentro de seus carros rasgam intrépidos a estrada.

No início de sua hospitalização, Raimundo afirmava caminhar para redimir seus pecados, notadamente os delitos que cometera: era-lhe necessário percorrer o mundo todo, conhecê-lo, devorá-lo com seus pés, sua boca. Buscava pois subjetivar-se e operar amarrações em que seu nome — Raimundo — parecia exigir significações. Porém, *saber* a Terra em forma de atlas empurrando-a goela abaixo não lhe abrandava as angústias, aliás sugere o contrário — justamente o apagamento das fronteiras entre o mundo e as pulsações que alugam seu corpo. Apenas as bricolagens de um saber que legisle sobre a sexuação e que rascunhe o Outro vigoram.

TESTEMUNHO E MENTIRA

O delírio de Raimundo busca remendar o que foi solapado logo do desencadeamento — função clássica (ver FREUD, 1911 e 1924). Schreber sustentou-se sobre as folhas brancas que nada lhe replicavam e que deram-lhe “todo o tempo” para “escrever seu grande livro” (LACAN, 1955-1956/1981, p.137). Além da escrita, Raimundo parece ter-se apoiado sobre seu jovem *secretário*, que lhe oferecia brancas escutas e páginas timbradas por sua eminente assinatura. *Secretário* que, visto as particulares condições do tratamento, dedicou-lhe todo o tempo possível, deixando que sobre si, suas coisas, seu nome, seu corpo, se ancorassem significações que provavelmente arrimavam as construções do paciente. Ressalta-se o esboço

de biografia que do discurso de Raimundo emerge: rascunhando as bordas de seu corpo, ele começa a poder *se testemunhar*, *se historiar* paulatinamente — o que Colette Soler supõe ser “efeito de capitonê” (2001, p.200).

Testemunhar implica viver-se como um outro, e reconhecer no semblante alguém que escuta — que experiencia o discurso. Segundo Lacan, o que distingue a relação sujeito a sujeito — diferenciando-o da relação sujeito a objeto — é que cada uma das partes suponha que dizeres e fazeres possam servir a convencer ou *mentir*. Mas para que se legisle sobre falsos testemunhos é preciso que falsos testemunhos sejam dizíveis. A possibilidade da trapaça — o que compreende que uma verdade seja dita para que se creia o contrário — é a marca da relação ao sujeito (Cf. LACAN, 1955-1956/1981). Interroga-nos, assim, que declare Raimundo “eu minto também”. O que quer ele dizer quando afirma *eu minto*? Será seu “também” marca que ele supunha no semblante a possibilidade da mentira? Nossa inexperiência na época não nos permitiu esse passo. Mantemos insaciada nossa fome.

DENEGAÇÃO

Menos magras considerações pode-se tecer sobre a repetição de um *esboço* de denegação operada por Raimundo, logo que deixava uma questão longamente em suspenso e, no decurso de sua resposta, dizia “eu não esqueci a sua pergunta”. É importante ressaltar que tal negação não se baseava em uma afirmação anterior minha, mas quando Raimundo me supunha impaciente. Assim, ele sustentava a pertinência da sua resposta, sem que eu a tivesse posto em questão. Raimundo antecipava minhas inquietações, pensando que eu pensava que ele havia esquecido o que eu lhe perguntara.

Esse parêntese discursivo — “eu não esqueci a sua pergunta” — contrasta com a impossibilidade precedente, revelada no início do tratamento, de se bastar do *não* para sustentar os religiosos imperativos negativos — o que se evidencia quando, por exemplo, escreve “*não* desejar a mulher do próximo *sim*”. Uma ressalva se faz necessária: seu discurso não desvenda, evidentemente, uma *Verneinung* de fato, pois que ela supõe um recalçamento que lhe seja anterior. Sustentamos, entretanto, que as construções *suplentes* podem tecer um *esboço*, um *como se* da denegação. Propomos, assim, a hipótese de que tal fenômeno não é simplesmente efeito da entrada do sujeito na lógica significante, mas rudimentar construção estabilizadora em si.

Retomemos o “mecanismo” paranoico proposto por Freud no caso Schreber (1911). Parte-se da afirmação “Eu [um homem], o amo [um outro homem]”. Em seguida, justapõe-se uma *negação* — do verbo no delírio de perseguição, do objeto na erotomania, do sujeito no delírio de ciúme — que será ancorada pro-

jetivamente no semblante. Corroborando a teoria freudiana a repisada constatação de que, na clínica das psicoses, o analista é seguidamente concebido no lugar do perseguidor, do amante, do traidor. Abordando essa passagem freudiana, Lacan destaca que no delírio de perseguição “lidamos com alguma coisa muito mais próxima da *denegação*. É uma alienação convertida, no sentido que o amor se tornou ódio” (LACAN, 1955-1956/1981, p.53-54).

Se a *Verneinung* nos faz recantar nosso estribilho — o testemunhar, a constituição do outro como fiador da palavra —, é porque ela lhe é função constitutiva. Seguindo Lacan, logo do desencadeamento psicótico, o sujeito não fala, mas é falado: “ele não sabe a quem (*ele fala*), pois que ele não sabe igualmente quem fala nele” (idem, p.181). Falar, por seu turno, “é falar a outros” (idem, p.47). Ora, no seminário sobre a *Ética da Psicanálise*, a *Verneinung* é apontada justamente como sinal distintivo entre falar e ser falado, advindo “a partir do momento em que eu falo realmente, e não no momento em que sou falado” (1959-1960/1986, p.79). Assertiva que retoma a batida sentença: no desencadeamento da psicose o sujeito é “incapaz de fazer dar certo a *Verneinung* face ao acontecimento” (LACAN, 1955-1956/1981, p.100).

Alimenta, outrossim, nossa hipótese sobre a *Verneinung* como construção suplente, a proposição de Gerard Pommier, em sua tese sobre a psicose, que atribui à *denegação* “valor idêntico ao ponto de capitonê do código e da mensagem” (2000, p.60). Seguindo o intrincado texto de Jean Allouch, *Lettre à lettre*:

“Este modo de enunciação onde o sujeito não desconhece estar falando de algo que lhe falou, onde se encontra, com referência àquilo que tem a dizer, na necessidade de dever fazer admitir que isso se sustenta por um ‘não fui eu...’, onde algum ser fala ao sujeito que, a partir de então, só pode-se fazer de testemunha, diante de um outro, desta fala, este modo de enunciação é o que Lacan define como o próprio fundamento da estrutura paranoica.” (1984, p.184)

Se o conhecimento humano é paranoico (LACAN, 1949/1966), é porque a construção de uma alteridade o estrutura — permite-lhe remoer-se em palavra testamentária. É assaz difundida a noção psiquiátrica de que, ao longo dos tratamentos, esquizofrenias podem *tornar-se* paranoias, flutuação diagnóstica que o caso Raimundo dá a ler. Renovada hipótese: entendemos a variação do diagnóstico psiquiátrico entre esquizofrenia e paranoia como uma marca temporária, potencialmente movediça, que mede a distância que o sujeito se encontra de “fazer dar certo a *Verneinung*”. A estrada entre a esquizofrenia e a paranoia se trilha em transferência.

CORPO E LETRA

“O testemunho, não é por acaso que isso se chama em latim *testis*, e que se testemunha sempre em cima dos próprios colhões. Em tudo do que é da ordem do testemunho, há sempre empenho do sujeito, e luta virtual a que o organismo está sempre latente” (LACAN, 1955-1956/1981, p.50). O tratamento de Raimundo traz de forma visceral seu corpo à baila. Esclareçamos o arrolamento dos traços temporais em seu caderno nos primeiros dias do tratamento em que nomeia “sábado” como “sabaioneta”. Interrogo-o sobre o cunho vernáculo do vocábulo: “Sabaioneta é o que carrego sempre comigo”, diz, explicando tratar-se do seu pênis. Raimundo busca retecer o corpo à “ordem do mundo”, corpo que ele articula em pedaços (orifícios) ao tempo, ao poder, às leis. Aliás, a balbúrdia de seus orifícios é evidente: o ouvido em que ecoa a voz do demônio, o nariz que fareja o bode, a boca atacada, o pênis que pode ir e vir, o ânus que não é mais que um “vaso grande fezes”. Esse grande recipiente de excrementos é para ele, ao mesmo tempo, a genitália feminina — sendo a boca o que parece-lhe ser o órgão feminino gozoso por excelência.² É somente sustentada na possibilidade de um casamento que a vagina entrará em questão como signo feminino, talvez pelo gozo que possa oferecer ao outro. Mas se a irrupção de *La Femme* (LACAN, 1972/2001, p.466) — o que não pode ser por Raimundo simbolizado — não encontrou um masculino suporte, ela deverá se abrigar alhures.

Intrigante operação: seu delírio reconstrói a evolução urológica dos animais para subjetivar seu corpo como detentor dos genitais femininos e masculinos, fiando-se a si mesmo um lugar singular. Tal reorganização da sua posição na sexualização o protege do encontro sexual. Aninhando em seu corpo ambos os sexos, Raimundo parece recavar as trincheiras de outrora — salvo que em seu delírio a consistência do Outro se vulnerabiliza substancialmente. A suposição de uma relação sexual possível, no sentido lacaniano, se sustenta no delírio sob condição da não efetivação do encontro sexual — o que provocaria supostamente sua ruína. É assim que Schreber só concebe a emasculação, e a objetivação de um gozo infinito com deus, sob “uma restrição”: “que essa infinitude seja ininfinitamente adiada” (SOLLER, 2001, p.189). Se “o amor” pode suprir a não-escrita da relação sexual (LACAN, 1972-1973/1999, p.59), é enquanto “amor morto” (LACAN, 1955-1956/1981, p.287) que, na psicose, ele poderá se enodar — sendo a construção paranoica o “congelamento de um desejo” (LACAN, 1974-1975/2002, p.140).

O delírio de Raimundo surpreende por abranger a relação sexual como amálgama e proporção. A ideia de que o masculino e o feminino possam morar em um só corpo é antiga: remete ao Gênesis, ao Banquete de Platão — e Freud

² Ver artigo de Marcel Czermark (2004) sobre a “despecificação dos furos do corpo”.

por vezes a trabalha.³ Lacan a retoma sob a fórmula “não há relação sexual”, acentuando, assim, o mal-estar oriundo da insaciabilidade do gostar: “Nós dois somos um. [...] É daí que parte a ideia do amor. É verdadeiramente a maneira mais grosseira de dar à relação sexual, a esse termo que manifestadamente escapa, seu significado” (LACAN, 1972-1973/1999, p.61). Raimundo supõe ao mesmo tempo a fusão dos sexos em um só corpo e a harmonia entre seus valores “materno e paterno”, expostos pela divisão do seu número de inscrição no exército. “Dizer que não há relação sexual parte da ideia de alguma coisa que faria do sexo um princípio de harmonia. Relação, isso significa para nós, proporção” (LACAN, 1974-1975/2002, p.141).

É nessa matemática corporal que pensamos ver a primeira função da letra no tratamento de Raimundo, conferindo sorte de suporte ao real e às bordas do corpo. Nota-se que antes de escrever seus “documentos”, consumia parte de suas horas a fazer contas, as quais compreendiam “provas e contraprovas” até que o rateio dos direitos sexuais se concluísse. A harmônica proporção dos gêneros parece pois se articular com suas orgânicas teorizações: “a formalização da lógica matemática, tão bem feita para só se basear da escrita, não poderá ela nos servir no processo analítico, no que ali se designa isso que invisivelmente retém os corpos?” (LACAN, 1972-1973/1999, p.119).

A segunda função da letra seria, por assim dizer, possibilitar certa sustentação à passagem de “esculhambação” a “documento”. A hipótese é lançada a mastigar palavras, receando pousar as fichas em mágicos pensamentos. Repete-se, porém, que a partir da escrita do primeiro “documento” a “esculhambação” cessa. Questionamos, assim, a operação que se dá nesse deslocamento fonético — pois que é fonética a estrutura da letra —, que estanca limites ao tumulto dos orifícios. Letra que é assim posterior e, ao mesmo tempo, suporte do significante — significante este que parece produzir amarração decisiva à construção suplente. Letra que, todavia, não sulca seu litoral — faz fronteira: *rasura de um traço que lhe seja anterior, é isso que faz terra e não litoral*.⁴

Raimundo atrela constantemente as elaborações legisladoras à ressubjetivação de seu corpo — sendo que desde os primeiros rascunhos os orifícios acompanham a profusão das leis. O “documento” anseia instaurar um interdito: não haverá mais “esculhambações” noturnas. A sentença resguarda seu corpo, traça-lhe bordas, para a paz dos orifícios: não mais o diabo, “o cheiro do bode”, os ataques à boca, a inermidade peniana. Seu corpo pouco mais tarde entrará numa linha evolutiva, numa grande estrada que retece a procriação, historiando o que veio antes e desenhando as gerações futuras. Corpo que se nomeia: “Mundi-o”,

³ Notamente, nos *Três ensaios*, em *Além do princípio do prazer* e em *O mal-estar na civilização*.

⁴ Parafrazeando Lacan: “*Rasura de traço algum que lhe seja anterior, é isso que do litoral faz terra*” [1971], *Lituraterra*, 16.

escreve sobre o peito. Corpo cuja sexuação se pontua, no fim das contas, sobre uma letra: “Mundi-ô”, dizia retraçando-a em lentos círculos.

Recebido em 25/5/2012. Aprovado em 11/9/2012.

REFERÊNCIAS

- ALLOUCH, J. (1984) *Lettre pour lettre*. Toulouse: Erès.
- CID-10. (1993) *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: direções clínicas e diretrizes diagnósticas*. Coordenação da Organização Mundial da Saúde. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CZERMAK, M. (2004) *Déspécification des trous du corps. Figures de la psychanalyse. Actuel des folies*. Paris, Érès, 10(2004/2), p.87-93.
- FREUD, S. (1976) ESB. Rio de Janeiro: Imago.
- (1911) “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (O caso Schreber)”, v.XII. p.15-110.
- (1924) “Neurose e psicose”, v.XIX, p.187-196.
- LACAN, J. (1949/1966) “Le stade du miroir comme formateur de la fonction du je”, in *Ecrits I*. Paris: Seuil, p.92-99.
- _____. (1955-1956/1981) *Les psychoses*. Paris: Seuil.
- _____. (1959-1960/1986) *L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
- _____. (1967) *Petit discours aux psychiatres de Sainte-Anne*. Inédito.
- _____. (1971/2007) *D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Paris: Seuil.
- _____. (1971/2001) “Lituraterre”, in _____. *Autres écrits*. Paris: Seuil, p.11-20.
- _____. (1972/2001) “L'étourdit”, in _____. *Autres écrits*. Paris: Seuil, p.449-495.
- _____. (1972-1973/1999) *Encore*. Paris: Seuil.
- _____. (1974-1975/2002) *R.S.I.* Paris: Association Freudienne Internationale.
- POMMIER, G. (2000) *L'écriture comme solution dans la psychose*. Aix, Université Aix Marseille. Thèse de Doctorat.
- SOLER, C. (2008) *L'inconscient à ciel ouvert de la psychose*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.

Manoel Madeira
mlucemadeira@gmail.com